
Apresentação

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2025.v31.51279>

Apresentação O Brasil, a América Latina e a Segunda Guerra Mundial

*Presentation
Brazil, Latin America and the Second World War*

*Presentación
Brasil, América Latina y la Segunda Guerra Mundial*

Ismara Izepe de Souza^{*}
<https://orcid.org/0009-0004-9588-3527>

Filipe Queiróz de Campos^{**}
<https://orcid.org/0000-0001-8820-9957>

A historiografia da Segunda Guerra Mundial tem passado, desde a década de 1970, por um processo significativo de ampliação temática e metodológica, distanciando-se das abordagens clássicas centradas em batalhas, campanhas militares e decisões estratégicas de alto comando. Esse movimento tem incluído novas perspectivas que consideram dimensões sociais, culturais, econômicas e políticas dos conflitos armados. No Brasil, de acordo com Nuno Severiano Teixeira (2024), o esforço é recente, ou seja, busca-se novas perspectivas para a história diplomática e militar, principalmente a partir do processo de redemocratização no Brasil.

No contexto latino-americano, essa renovação historiográfica se manifesta em estudos que buscam compreender não apenas o envolvimento militar direto, mas também os efeitos mais

^{*} Professora associada do Departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais – Estudos do Sul Global. É mestre e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ismara.izepe@unifesp.br

^{**} Doutor em História Política pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com ênfase em História das Relações Internacionais, mestre e graduado em História pela Universidade. Em estágio pós-doutoral pela UFRRJ e pela UNIFESP, professor substituto na UFJF, autor dos livros “Os informantes de Getúlio Vargas e a política externa brasileira (1930-1945)”, “Diplomacias Secretas: o Brasil na Liga das Nações” e “Uma Pátria no Lugar de Deus? Os Conceitos de Secularização e Laicização na Constituinte de 1890-1891”. E-mail: filipeqc@hotmail.com

amplos da guerra sobre as sociedades, os Estados e suas relações internacionais. Em trabalho recente, por exemplo, Francisco Doratioto (2022) afirmou que a neutralidade argentina durante a Guerra esteve ligada à recusa de Buenos Aires em aceitar a iniciativa do Presidente Roosevelt de um panamericanismo voltado para a defesa do hemisfério americano, ou seja, que a neutralidade argentina precisa ser compreendida também pela perspectiva de uma manifestação anti-imperialista contra os EUA, o que traz novos horizontes para se entender a dinâmica do conflito na região.

Francisco César Alves Ferraz (2024) e Vinícius Mariano de Carvalho (2024) apontam que o crescimento dos estudos sobre a América Latina na Segunda Guerra Mundial tem incorporado objetos como a moral dos combatentes e civis, a mobilização de recursos nacionais, os impactos culturais da guerra e os processos de desmobilização e reintegração dos veteranos. A guerra é, portanto, abordada como um fenômeno total, afetando todos os aspectos da vida social, inclusive nas nações consideradas neutras. Nesse sentido, a ideia de “guerra total” se impõe como chave interpretativa para compreender os impactos difusos e multifacetados do conflito na América Latina.

A contribuição de Andrew Buchanan e Ruth Lawlor (2025) é central para essa nova abordagem, ao propor uma redefinição espacial e temporal da Segunda Guerra Mundial. Para os autores, o conflito deve ser entendido não apenas como um episódio bélico ocorrido entre 1939 e 1945, mas como parte de um processo mais amplo que se inicia com a invasão da Manchúria em 1931 e se estende até o fim da Guerra da Coreia, em 1953.

Essa perspectiva permite analisar a Segunda Guerra como catalisadora de múltiplas crises, econômicas, políticas, sociais e culturais, que já vinham se acumulando desde o período entreguerras, como a crise de 1929, a instabilidade do Sistema de Versalhes e os temores de revoluções sociais. A partir disso, os autores também questionam a separação artificial entre a Política de Boa Vizinhança dos anos 1930 e o engajamento militar explícito dos Estados Unidos após 1941, argumentando que ambas fazem parte de uma mesma estratégia de guerra, que combinava poder duro (*hard power*) e poder brando (*soft power*) no esforço de integração hemisférica.

Esse dossier vai ao encontro desses novos esforços de ampliação das perspectivas sobre o conflito no cenário da América Latina. Os oito artigos aqui apresentados, de autoria de pesquisadores provenientes de diferentes regiões e instituições, trazem contribuições diversas, que transitam por temáticas que vão desde novas abordagens sobre os interesses econômicos dos EUA na América Latina, até distintas formas de influência que a guerra teve junto às crianças brasileiras.

Em “As crenças e valores de Getúlio Vargas e seus informantes na política externa brasileira antes da Segunda Guerra Mundial”, Filipe Queiroz de Campos, inspirado pelas propostas da História Transnacional e pela Teoria das Elites, analisa as crenças e valores de Getúlio Vargas e seus informantes nos “bastidores da diplomacia” quanto ao cenário político e econômico que antecedeu a Segunda Guerra. Ao investigar a perspectiva dos membros da elite da política externa brasileira entre 1934 e 1937, o autor sugere o quanto as possibilidades de um novo confronto mundial já definia os rumos da estratégia internacional brasileira ainda nesse período.

Adriana Gomes e Fernando da Silva Rodrigues, em “Direito e criminalidade na Segunda Guerra Mundial: a Justiça Militar e os soldados da FEB”, analisam a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial por meio da atuação da Justiça Militar na campanha da Itália. Ao invés de se concentrar em operações de combate ou narrativas heroicas, o estudo volta-se aos crimes cometidos por soldados da Força Expedicionária Brasileira e às formas jurídicas e políticas de seu enquadramento, destacando a interação entre a Justiça Militar brasileira e o V Exército dos Estados Unidos. Ao tratar os processos criminais não como registros factuais, mas como construções narrativas marcadas por disputas simbólicas e estratégias de proteção da imagem da FEB, o trabalho aplica de maneira inovadora os referenciais da Nova História Militar para o cenário da América Latina na guerra.

Em “Recursos minerais como ativo estratégico do Brasil e o paradigma norte-americano na Segunda Guerra Mundial: revisão do pensamento econômico militar”, Bernardo Rocha Carvalho analisa a política econômica do Estado Novo a partir da atuação e das ideias dos militares ligados ao governo, revelando como eles influenciaram decisões estratégicas sobre mineração e siderurgia em meio à Segunda Guerra Mundial. Ao recorrer à documentação primária, como as Atas do Conselho Superior de Segurança Nacional, o autor enfatiza o papel de figuras como Juarez Távora na revisão do pensamento econômico das forças armadas. O estudo evidencia a tensão estrutural entre nacionalismo e dependência externa, especialmente diante da crescente influência dos Estados Unidos no processo de industrialização durante a guerra. Logo, a dimensão econômica no âmbito militar é apresentada como fundamental para se compreender o contexto latino-americano.

O artigo de Alexandre Fortes, “O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: Reinventando o Estado nacional no contexto de transição de hegemonia global”, analisa o conflito mundial a partir do horizonte teórico da história global, procurando demonstrar suas consequências para o Estado brasileiro, especialmente em sua relação com a sociedade, tangenciando temáticas tais como identidades étnico-raciais e conflitos de classe.

O dossiê também conta com artigos que auxiliam o entendimento das múltiplas influências culturais e sociais que a guerra teve junto ao povo brasileiro. Nessa direção, encontra-se o artigo de Ana Beatriz Ramos de Souza, intitulado “‘Não há tristeza que resista’: as escolas de samba, o Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial (1942-1946)”, que trabalha a relação entre as escolas de samba e o governo Vargas durante a Segunda Guerra Mundial, destacando como uma manifestação cultural inicialmente marginalizada foi incorporada ao projeto político do Estado Novo. Ao investigar a atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e o uso das escolas de samba como instrumento de mobilização e legitimação da entrada do Brasil no conflito, Souza mostra como práticas culturais urbanas foram politicamente reconfiguradas para servir a objetivos estratégicos do regime, iluminando dimensões simbólicas e políticas que extrapolam o campo militar e diplomático tradicionalmente analisado.

O universo imagético construído por fotografias do conflito mundial é o tema central do texto “Iconografia da vitória: imagens da Segunda Guerra Mundial na revista *Em Guarda* (1941-1945)” de autoria de Aline Locastre, Roger Colacios e Wilson de Oliveira Neto. O artigo demonstra como a revista impressa em Nova York e distribuída em larga escala nos países latino-americanos retratava a vitória dos Aliados, trazendo para a discussão as estratégias utilizadas pelos EUA para promover uma imagem positiva dos Aliados junto ao povo da América Latina. No que tange ao Brasil, os autores afirmam que a circulação da revista influenciou os processos de persuasão política da sociedade brasileira.

Ainda na dimensão das influências culturais da guerra no Brasil está o artigo “A guerra entra no faz de conta: Segunda Guerra Mundial, cultura de guerra e brincadeiras infantis no Brasil e nos Estados Unidos”, escrito por Marina Helena Meira Carvalho. O texto centra-se na análise da forma pela qual a cultura de guerra foi apropriada pela lógica cotidiana do brincar através da publicidade sobre brinquedos no Brasil e nos EUA, tendo como fontes as fotorreportagens publicadas nas revistas *Life Magazine* (Estados Unidos) e *O Cruzeiro* (Brasil). A autora demonstra como elementos da cultura de guerra se infiltraram nas práticas cotidianas e lúdicas das infâncias, discutindo também como os produtores culturais mobilizaram as crianças como parte dos esforços de guerra.

Pouco conhecida na historiografia brasileira, as relações entre a China e a América Latina no contexto da Segunda Guerra Mundial se fazem presentes no artigo de Helena Lopes intitulado “Forgotten Visits in a Global War: Song Meiling in Brazil, 1943 and 1944”. Utilizando fontes jornalísticas brasileiras e chinesas, a autora descreve as visitas que Song Meiling, esposa do líder Chiang Kai-Shek, fez ao Brasil nos anos de 1943 e 1944, desvelando a importância dessa

figura feminina não só para as relações sino-brasileiras, como também para as interações da China com a América Latina.

Assim, o dossiê que ora apresentamos atesta a existência de uma historiografia da Segunda Guerra Mundial multifacetada e dinâmica, que demonstra que os impactos do conflito mundial no Brasil e nos demais países da América Latina foram muito além daqueles relacionados à esfera econômica e militar. A diversidade de perspectivas dos textos inseridos neste dossiê nos faz renovar a aposta na continuidade de iniciativas de pesquisas sobre as múltiplas interações entre a Segunda Guerra Mundial, a América Latina e o Brasil.

Referências bibliográficas:

Buchanan, Andrew, e Ruth Lawlor, eds. *The Greater Second World War: Global Perspectives*. Ithaca: Cornell University Press, 2025.

Doratioto, Francisco Fernando Monteoliva. “A geopolítica platina da Argentina na Segunda Guerra Mundial”. *História*, 41 (2022): e2022024.

Ferraz, Francisco Cesar Alves, e Vinícius Mariano de Carvalho. “Uma historiografia em crescimento: os estudos sobre Brasil e América latina na Segunda Guerra Mundial”. *Antiteses*, 17, 17, n. 34 (2024): 13-21.

Teixeira, Nuno Severiano. “A história militar e a historiografia contemporânea”. *A Defesa Nacional*, 81, v. 768 (2021): 194-196. Disponível em: <https://ebrevistas.eb.mil.br/ADN/article/view/7057>. Acesso em 21 jun. 2024.